



## **A miséria da vida e a miséria da forma: uma análise das críticas de Álvaro Lins a Jorge Amado**

### ***Misery of Life, Misery of Form: An Analysis on Álvaro Lins' Critics to Jorge Amado***

José Roberto de Luna Filho

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco / Brasil

joserobertodelunafilho@outlook.com

<http://orcid.org/0000-0001-7045-7434>

Eduardo Cesar Maia

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco / Brasil

eduardo.ferreirafo@ufpe.br

<http://orcid.org/0000-0002-2804-6030>

**Resumo:** Neste trabalho, afirma-se que a visão de mundo vinculada à tradição humanista, depreendida das críticas de Álvaro Lins a Jorge Amado, traz tanto importantes contribuições para as modernas reflexões a respeito do Romance de 1930, quanto grandes possibilidades de repensar a importância dessa perspectiva crítica para o pensamento contemporâneo. Analisam-se os seguintes elementos: 1) a tentativa de pensar o texto em conformidade com o projeto literário do autor; 2) o tom jornalístico e personalista, que permite o contato com o leitor comum; 3) a visão da literatura como forma de conhecimento e inteligibilidade. Conclui-se que a crítica de Lins propõe uma valiosa reflexão a respeito do papel da literatura diante das questões sociais de seu tempo, pois, para ele, sem uma reflexão profunda sobre a forma, toda boa intenção política pode se perder.

**Palavras-chave:** Álvaro Lins; Jorge Amado; Humanismo; Crítica de rodapé.

**Abstract:** In this work, it is argued that there is a humanist perspective in Álvaro Lins' critics to Jorge Amado's fiction which brings great contributions to modern reflections on the Novel of 1930 and to the contemporary literary criticism. Here are analyzed three subjects of the texts signed by the newspaper pagebottom's critic: 1) the attempt to think the literary form according to the author's aesthetic project; 2) the personalism, which makes a more direct contact with the common reader; 3) the perspective of fiction as a form of knowledge. Those judgments leads to that conclusion: Lins' literary criticism propose a valuable reflection on a possible contribution of the fiction to social problems. According

to him, it is not enough the writer having good political ideas and intentions without a having a literary form to express it, because all effort may result null.

**Keywords:** Álvaro Lins; Jorge Amado; Humanism; newspaper pagebottom criticism.

## Introdução

Dois momentos, duas polêmicas. 1930: críticos e escritores digladiavam em torno da missão da literatura. Deveria ela ser intimista, prazer pelo prazer, arte pela arte, torre de marfim? Ou deveria ser ela engajada, coletiva, apegada radicalmente ao real, antena das misérias sociais dos que não têm voz? 1950: críticos digladiavam a respeito da própria crítica e de sua função: deveria ela especializar-se? Ligar-se à academia? A uma formação rigorosa nos estudos literários? Ou deveria ela manter-se personalista, impressionista, ensaística, amiga dos rodapés dos jornais? Ambos os debates animaram o século 20 brasileiro; cremos, porém, que eles não estão concluídos. Melhor dizendo: esses debates não estão e não podem ser concluídos. Estão (ou estavam, há até pouco tempo), no máximo, esquecidos. Deixamos de lado as lides do passado, quando deveríamos avaliar criticamente suas contribuições.

Ao analisarmos as críticas de Álvaro Lins (1912-1970) a Jorge Amado (1912-2001), inserimos, a um só tempo, nossa discussão nos dois debates supracitados: afinal, consideramos que um crítico de rodapé tenha contribuições a fazer ao pensamento acadêmico contemporâneo no que diz respeito à missão da literatura engajada, sendo esta a principal polêmica da década de 1930. Adiantamos, porém, que não pretendemos aqui tomar um lado dentre as dicotomias mencionadas. Ao contrário: os escritos do crítico caruaruense, segundo argumentaremos, permite que fuçamos a elas; daí a sua importância. A visão que possui Álvaro Lins da crítica e da literatura (em particular, da literatura realizada por Jorge Amado) alinha-se a uma tradição de pensamento humanista<sup>1</sup>, cujos valores, singulares, ultrapassam

---

<sup>1</sup> A menção a uma tradição humanista, por certo, pode gerar problemas, haja vista o desgaste que o termo sofreu ao longo da história. Referimo-nos, no entanto, à visão humanista recuperada no século XX por filósofos e críticos como Ernesto Grassi (1993) e Antoine Compagnon (2011), que não reconhecem nessa tradição ideais ingênuos muitas vezes atribuídos a ela, a exemplo da crença na completa autonomia do sujeito. Nesse sentido, o

várias falsas polêmicas advindas da polarização cega e de falsas disjunções. Esses valores são: 1) visão da literatura como forma de conhecimento; 2) defesa do caráter interdisciplinar da crítica literária; 3) reconhecimento do caráter central da individualidade da experiência humana.

Escolhemos o estudo sobre o romancista baiano por três motivos principais: pois, embora o crítico tenha focado em poucos romances, principalmente *Terras do sem-fim* (1943) e *Jubiabá* (1937), elabora juízos que repensam todo o projeto literário de Jorge Amado; porque este escritor tem ganhado mais relevo na crítica acadêmica atual, sobretudo por sua grande afinidade com os Estudos Culturais/pós-coloniais, uma vez que suas obras põem em evidência problemas sociais da perspectiva dos oprimidos; em razão de ser uma crítica escrita “no calor do momento”, contexto similar à crítica hegemônica atual, que se tem cada vez mais ocupado de escritores contemporâneos cujos livros analisam questões relativas a minorias políticas; ou seja, serem os contextos de produção similares (isto é, por serem críticas produzidas “no calor da hora”, sobre temas em voga) torna ainda mais importante a avaliação do que produziu aquele que Carlos Drummond de Andrade (1970) chamou imperador da crítica de rodapé.

## 1 Jorge Amado e o Romance de 1930

Jorge Amado é indubitavelmente uma das figuras mais importantes da década de 1930 brasileira, tanto no âmbito político quanto na vida literária e cultural. Teve uma atuação impressionante como escritor, crítico literário e ativista político-ideológico. E começou muito cedo: já aos 18 anos estabelecia contato com vários nomes importantes do período. Para que se tenha uma ideia de seu trânsito entre a intelectualidade brasileira, foi ele um dos responsáveis pela publicação de *Caetés* (1933), romance cuja devolução do manuscrito, por causa da demora de sua publicação por parte da editora Schmidt, havia sido solicitada por Graciliano Ramos. Em conluio

---

Humanismo é uma tradição que engloba pensadores que defendem a individualidade da experiência humana e a necessidade de constante atualização das formas de interpretar o mundo, pois a realidade está e constante mutação. Esses valores estão presentes na crítica de rodapé, à qual Álvaro Lins pertenceu, e são reconhecidos por João Cezar de Castro Rocha (2011), quando este autor discute as discordâncias de Afrânio Coutinho ao legado do crítico caruaruense. Assim, é possível pensar a menção ao “Humanismo” como menção também aos valores defendidos pelos críticos de rodapé.

com Heloísa Ramos, Jorge conseguiu enganar o escritor e levar de volta o manuscrito à editora (MORAES, 2013). Mesmo que talvez tenha algo de anedótico nessa história, o fato de Jorge Amado ter sido intermediário de Schmidt já é suficiente para demonstrar sua atuação intensa no meio literário. Além disso, ele escreveu uma das primeiras resenhas desse livro, publicado em fevereiro de 1934 na *Revista Literária*, do Rio de Janeiro<sup>2</sup>. À época da publicação, ele possuía apenas 21 anos.

Daí em diante, sua atuação na vida cultural brasileira só aumentou, sobretudo como intelectual engajado. Era nome de vanguarda do Partido Comunista Brasileiro no cenário artístico, sendo, talvez, o primeiro a pensar, no Brasil, de maneira mais sistemática, uma maneira de transpor ao romance a visão marxista de mundo. Objetivava abolir a individualidade dos personagens e, retomando *O cortiço*, colocar como protagonista elementos coletivos, como a pensão de *Suor*. Ademais, tematizava de modo explícito a ideologia comunista, muitas vezes colocando como solução aos dramas de seus personagens a adesão à causa proletária. Bem, esses eram seus objetivos. Se eles foram alcançados, discutiremos adiante.

Ao lado de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, encabeçou o movimento do Romance de 1930, que se contrapunha tanto à visão estetizante e neófito de arte da Semana de 1922, como à visão intimista advinda de escritores da mesma época (alguns identificados com o integralismo), tais como Lúcio Cardoso, Octávio de Faria e Cornélio Penna. Nesse sentido, atuou junto a diversas revistas literária, como a *Dom Casmurro*, no intuito de polemizar e refletir a respeito da missão que a arte deve possuir frente à modernidade capitalista. Em resumo, a importância de Jorge Amado está posta: é reconhecido nacional e internacionalmente, sendo um dos escritores brasileiros mais celebrados e lidos no exterior.

## 2 Álvaro Lins e a crítica de rodapé

É bem conhecida a batalha travada entre crítica de rodapé e crítica acadêmica, que pode ser personificada nas figuras de Álvaro Lins e Afrânio Coutinho. Este, havendo voltado dos Estados Unidos, iniciou sua cruzada pela implantação de um ensino superior em Literatura, que legaria às letras

---

<sup>2</sup> O texto pode ser encontrado na edição especial de *Caetés* (2013), organizada por Elizabeth Ramos e Erwin Torralbo.

nacionais os avanços das modernas correntes da teoria literária; à época, isso significava enxertar em terreno brasileiro os preceitos do *New Criticism*. Isso seria um avanço, para ele, pois retiraria a crítica literária das mãos de uma abordagem impressionista, sem rigor, amadora etc. Bem, não é preciso dizer que a crítica acadêmica conseguiu se impor como padrão, mas ela trouxe consigo um profundo preconceito direcionado à crítica do passado, como se dela nada pudesse ser aproveitado<sup>3</sup>.

Dessa forma, acompanhamos João Cezar de Castro Rocha, que, em seu *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* (2011), através de profunda pesquisa historiográfica e vivaz reflexão acadêmica, demonstrou haver algumas questões nesse debate que foram esquecidas (ou ignoradas) pela crítica contemporânea. Vamos a eles: 1) crítica literária de rodapé não implica falta de rigor, ou mesmo amadorismo. Na verdade, implica um estilo de crítica que pode dialogar com o leitor comum, sendo capaz de trazer, com hábil comunicação, reflexões importantes e diversas a respeito das obras resenhadas, além de inserir a discussão literária em meios aos assuntos gerais de interesse jornalístico, deixando patente a relação literatura-mundo para os leitores. O melhor exemplo disso talvez seja o ensaio *Ficção e confissão* (2006), publicado inicialmente em 1945, quando Antonio Candido fazia ainda parte da crítica de rodapé. Tal estudo é até hoje um clássico, sendo leitura indispensável na fortuna crítica de Graciliano Ramos. 2) Não houve, de fato, uma “vitória” da crítica acadêmica sobre o rodapé. Afinal, a crítica de rodapé só foi perdendo importância conforme foram mudando tanto as mídias jornalísticas como sua linguagem<sup>4</sup>, de maneira que aquele

---

<sup>3</sup> Para uma perspectiva distinta à que aqui defendemos, remetemos o leitor ao trabalho de Flora Süssekind (1993). Neste ensaio, a autora desenvolve linha de raciocínio bastante próxima à de Afrânio Coutinho, ao considerar que a institucionalização dos estudos literários no Brasil correspondeu a uma ruptura profunda com tudo o que era feito anteriormente, sem o que não seria possível o desenvolvimento da nossa crítica. Ela diz, por exemplo, que o objetivo de Afrânio Coutinho era o de “[...] substituir o rodapé pela cátedra. E conquistar o poder até então nas mãos de não-especialistas” (SÜSSEKIND, 1993, p. 20); e que o pensamento crítico acadêmico acabou com o “‘falar sobre tudo’, o anedotário e o personalismo característicos de parte da crítica literária de jornal” (p. 18).

<sup>4</sup> Como também comenta João Cezar de Castro Rocha (2011), o período do desaparecimento da crítica de rodapé foi marcado por uma mudança de hegemonia cultural: trocamos a França pelos Estados Unidos. Assim, o jornalismo, assim como a crítica literária, passou a adotar o modelo de jornalismo ianque.

formato de texto deixou de ser conveniente. Além disso, demorou muito até que os cursos universitários de literatura chegassem à forma como os conhecemos hoje (só na década de 1970 isso foi realizado). 3) ademais não houve apenas progressos com a implantação da crítica universitária. Afinal, há valores da antiga crítica que foram perdidos e, ainda hoje, fazem falta no debate público. Falemos deles.

A crítica de Álvaro Lins, assim como a crítica de rodapé em geral, era capaz de se adaptar ao público não especializado e ao suporte de veiculação do texto, os jornais. Sua linguagem e metodologia de análise eram adequadas aos objetivos textuais da comunicação jornalística: trazer ao leitor comum o que se estava publicando naquele momento e o que se poderia esperar daqueles textos. Além disso, a abordagem, personalista, retirava do livro a necessária ênfase em algum tipo de escola ou de alguma teoria. Sim, o crítico caruaruense possuía seus pressupostos. Mas a crítica de rodapé permitia que esses pressupostos fossem singulares. Nesse sentido, havia a maior possibilidade de divergência analítica entre os vários textos que circulavam nos jornais e revistas literárias. Ou seja, o objetivo era também o de demonstrar ao leitor o que havia interessado ao crítico na leitura de determinada obra: e, através disso, caberia ao próprio leitor decidir se aquilo lhe interessava ou não. Algo bem diferente do que acontece nos dias de hoje, quando nos sentimos (nós, os acadêmicos) forçados a encontrar alguma relevância temática para escrever sobre determinado livro. Relevância, aliás, endógena, porque compartilhada apenas pelos “especialistas”. Se alguém já houver tratado da obra pela mesma ferramenta de análise, nos sentimos desencorajados, pois o tom pessoal conferido à fruição da obra já é perdido, em grande medida.

Ou seja, acontece aqui um caso curioso: nos tornamos estátuas de sal por não olharmos para trás! Se já houve uma perda significativa de espaço da crítica literária na mídia, a especialização extrema e o apego às teorias da moda podem distanciar cada vez mais o leitor não especializado da discussão das obras. Ou pode fazer com que a academia aumente ainda mais o descompasso em relação às questões trazidas pela sociedade. Ou ainda pior: pode entregar o ofício de dialogar com o público a respeito da arte escrita à pobreza intelectual de alguns oportunistas, o que certamente empobrecerá ainda mais o debate cultural brasileiro. É importante, por isso, que estejamos cientes de tudo o que se fez em crítica literária no período em que ela foi tão atuante na vida pública, a fim de que moderemos os arroubos teóricos e possamos estabelecer um diálogo mais crítico com os temas e com

as obras, como bem nos aconselha Lourival Holanda (2019). Agora que já demarcamos a relevância do objeto de nossa análise, convém demonstrá-la na prática. Como ficará claro, há pontos positivos que não são elementos de qualidade generalizada, mas de qualidade singular, específica dos textos que aqui analisaremos, mas que só são possíveis pela mesma perspectiva humanista usada para se aproximar do texto utilizada por Álvaro Lins.

### 3 A literatura a serviço da miséria humana

Álvaro Lins, como se sabe, não era um comunista<sup>5</sup>. Mas isso não implicou uma recusa pela leitura de escritores que fossem abertamente marxistas. Tampouco implicou algum tipo de repreensão infértil, que partiria da condenação *a priori* dos ideais defendidos pelos autores, propondo a substituição deles pelos do crítico (o que, aliás, era uma constante em seu ofício analítico). Não, justo o contrário: Lins tentou compreender o texto dentro da sua mundividência própria, dentro do que ela nos pode oferecer de bom e do que pode ser melhorado a partir dessa mesma perspectiva. O debate se faz de maneira honesta, em confronto e diálogo com o outro, tentando imaginar o outro como a si mesmo. Por isso que os monismos teóricos nesse tipo de crítica, que pretendem tudo explicar, são pouco fortuitos: como dialogar com textos de perspectivas tão diversas? Ou o crítico se recolheria à análise da obra de autores afins a seus pressupostos (como não raro ocorre nos dias de hoje) ou se resignaria fazer passar um camelo por um buraco de agulha para encaixar um vocabulário diferente em terminologia acadêmica de sua preferência.

O tom da crítica a Jorge Amado é de uma tentativa de apontar qualidades e defeitos, e mesmo de ajudar um escritor, que se considera talentoso, a melhor desenvolver seu potencial. Nesse sentido, é interessante a nota adicionada pelo próprio Álvaro Lins em trecho que critica um procedimento formal do escritor baiano: “[...] já neste estudo – e a despeito da data: 1943 – buscava estimular Jorge Amado no sentido de suas ideias políticas de então, e não no caminho reacionário da arte pela arte ou da arte torre de marfim” (LINS, 2015a,

---

<sup>5</sup> Isto é, no período em que escreveu a crítica que aqui analisaremos. No fim de sua vida, Álvaro Lins passou a ter uma maior inclinação aos movimentos socialistas, havendo inclusive visitado a URSS e Cuba, chegando a presidir, inclusive, o Instituto Cultural Brasil-Cuba, no Rio de Janeiro.

p. 105). Ou seja, como já dissemos, nunca foi objetivo do crítico realizar as reprimendas de caráter moral e/ou teórico (como muito se fez) diante de um romance com claras inspirações marxistas, mas sim tentar compreender como se constrói aquela linguagem e perceber quais são suas qualidades e falhas. Vejamos, então, de modo mais detido, a análise de Álvaro Lins.

O primeiro texto que vamos analisar é de 1943 e se intitula *Valor instintivo de romancista e miséria objetiva de escritor*. O objeto da reflexão é o recém-saído então romance de Jorge Amado: *Terras do sem-fim*<sup>6</sup>, publicado quando o escritor estava em exílio. O primeiro comentário é positivo: para Álvaro Lins, as preocupações políticas e sociais conseguiram encontrar uma forma literária na obra. Isto é, a narrativa não parece uma desculpa para serem colocados em circulação ideais políticos, pois os ideais políticos emergem como consequência verossímil do que é narrado. Sobretudo porque os acontecimentos conseguem inspirar horror e tristeza àqueles que não compartilham da mesma visão: “A filosofia política não está em jogo no caso, mas os nossos sentimentos coincidem diante da situação social que está exposta no romance” (LINS, 2015a, p. 101). É notável o personalismo da citação, mas não se pode perder de vista que o crítico se coloca no lugar do leitor comum e não especializado, como alguém que pode ser atingido pela força do romance como qualquer outro, o que garante à obra uma comunicabilidade múltipla, que vai além da capacidade de deleitar seitas políticas.

Há, então, na perspectiva marxista, certo traço íntimo que permitiria uma contemplação do mundo plural e multissignificativa que é explorada nessa narrativa:

o horror de uma situação social igual à da escravidão – aquela do capitalismo do cacau – provoca sentimentos idênticos nos homens mais diferentes e separados. E isto representa um dos privilégios da literatura (LINS, 2015a, p. 101-2)

---

<sup>6</sup> Escrito durante exílio do escritor na Argentina, o romance tem como pano de fundo os conflitos políticos e econômicos existentes nas plantações de cacau da Bahia. O livro apresenta o lado violento dessas plantações por meio das disputas entre os irmãos Badaró e o coronel Horácio de Silveira por terra. Paralelamente a isso, trata-se da miséria familiar de Horácio, que, apesar de passar a controlar o poder político da região, perde o amor de sua mulher, e resolve a situação com a brutalidade, única linguagem a que era afeito: manda matar o amante, Virgílio Cabral, que era também seu advogado e braço direito na luta pelas terras.



De certa forma, podemos dizer que essa é uma excelente falha no projeto romanesco de Jorge Amado. É uma falha porque não parece convencer o crítico da inevitável solução aos problemas do mundo. E é uma excelente falha justamente por isso, porque permite transmitir uma indignação diante da miséria social que habita os desmandos de um capitalismo atrasado e patrimonialista nas plantações de cacau. E provoca tal sentimento mesmo no leitor que não compactue com seu ideal. Isso graças à literatura: porque trata-se de um romance, não de um estudo. E a literatura, segundo nos diz Álvaro Lins, tem esse lugar privilegiado de unir os seres sem enquadrá-los.

O crítico chama atenção para os processos literários justamente porque, em muitos casos, Jorge Amado se descuida em relação à estética e à composição literária. Para Lins, mesmo nos melhores romances do autor de *Mar morto*<sup>7</sup>, podemos observar uma fraternal convivência entre o bom e o péssimo. Seu talento quase intuitivo para compor histórias excelentes é praticamente afogado pela sua completa imperícia de romancista, que sequer sabe bem distinguir o simples do complexo. Aliás, é no simples que sua obra se torna complexa, porque, diante do que exige profunda análise, vê-se perdido: “[p]õe se à vontade, e realiza com segurança, quando se acha diante de personagens de sentimentos primários, de seres instintivos e simples, quando descreve homens nas suas relações mais diretas e mais imediatas com o meio” (LINS, 2015a, p. 102).

Jorge Amado seria, então, nesse sentido, um bom observador das gentes simples. É capaz de perceber no povo o que têm de mais poético, mesmo nas suas relações mais cotidianas. No entanto, quando essas mesmas criaturas parecem exigir maior complexidade de análise, prefere recair na simplificação irreal e grotesca. Talvez seja um bom exemplo a figura de Balduino, do romance *Jubiabá*<sup>8</sup>. Quando se encontra ferido de tantas derrotas em sua vida, se vê novamente feliz quando abandona a si próprio e entra na

---

<sup>7</sup> O romance foi publicado em 1936, sendo o quinto romance do autor. Nele, acompanhamos a vida de Guma, um notável mestre de saveiro, de uma pequena vila de pescadores. Trata-se de uma história em que se torna possível conhecer um lado ao mesmo tempo épico e sombrio da vida daqueles que trabalham no mar: épico por suas aventuras e amores; sombrio pelos problemas sociais que enfrentam, por viverem numa área marginalizada e por exercerem uma profissão também marginalizada.

<sup>8</sup> Livro publicado em 1935. Nele, o leitor é levado a acompanhar a história de Balduino, uma espécie de herói popular. A personagem passa por diversos ambientes de exploração e sofre na pele as suas misérias, até descobrir uma saída para as angústias de sua vida: a causa operária.

causa operária. É inegável, por outro lado, que se trata de uma personagem excepcional na maior parte da história. O mesmo ocorre quando tem de lidar com as figuras de maior poder econômico: todas são bastante planas e parecem ser iguais. Isso pode ser consequência de um projeto explícito de condenar a “burguesia”, mas, em matéria de romance, é um grande defeito. Aliás, um defeito desnecessário, que pode ser corrigido sem prejuízo de seus ideais.

Mas trataremos deste problema mais adiante. Por ora, falemos da primeira crítica dirigida ao romance de Jorge Amado: para Álvaro Lins, o problema não estava na fuga ao romance na busca pelo panfleto; estava no descuido em relação ao romance *por haver o panfleto*. É como se o romance se justificasse a si mesmo, em sua inovação, pela temática revolucionária (que de fato era inovadora), mas que se permitisse repetir formas passadistas de literatura. Ou seja, nos momentos em que não tratava do clímax da questão analisada na narrativa, o livro encarna um gosto romântico caricato pela palavra, pela sentença poética. O crítico cita um trecho como exemplo, mas vale citar o parágrafo inteiro, a fim de melhor evidenciar o juízo negativo:

A mata dormia o seu sono jamais interrompido. Sobre ela passavam os dias e as noites, brilhava o sol do verão, caíam as chuvas do inverno. Os troncos eram centenários, um eterno verde se sucedia pelo monte afora, invadindo a planície, se perdendo no infinito. Era como um mar nunca explorado, cerrado no seu mistério. A mata era como uma virgem cuja carne nunca tivesse sentido a chama do desejo. E como uma virgem era linda, radiosa e moça, apesar das árvores centenárias. Misteriosa como a carne de mulher ainda não possuída. E agora era desejada também (AMADO, 2008, p. 37).

Assim como ocorria com alguns escritores naturalistas brasileiros, a face objetiva e reconstrutora da realidade às vezes se perdia para recair em um sentimentalismo romântico. Neste caso, é ainda mais patente a influência do gosto pela retórica romântica em razão da descrição do idílio natural. Não é que fosse errado, é só que, na visão de Álvaro Lins, essas partes são demasiado frequentes, daí que o crítico haja considerado que não raro Jorge Amado ostenta o mau gosto como se fosse um troféu. No entanto, discordamos quando o crítico caruaruense critica a repetição de vocábulos e o uso excessivo da “lua”. De fato, tal recurso pode ser criticado, mas convém observar que ele possui uma função dentro da construção da narrativa: apresentar o mundo fechado e, de certo modo, limitado que compõe a pobreza simbólica daquele povo, abusando do estilo livre indireto.

Procedimento similar é realizado por Graciliano Ramos em *Vidas secas*, mas o contraste entre narrador e personagens deixa as barreiras comunicativas mais evidentes<sup>9</sup>. Então, é só nesse sentido, de solução não tão boa para o problema descritivo, que as imagens repetidas de Jorge Amado podem ser criticadas, e não por si sós, como se fossem resultado de imperícia.

Ainda nesse caminho argumentativo, Álvaro Lins critica a escolha feita pelo romancista em ampliar a extensão do livro, enxertando um caso amoroso dos mais folhetinescos. Para ele, romance popular não é romance frouxo, mal construído. O problema está na quase incapacidade de Jorge Amado em desenvolver até o fim suas inovações estéticas; em vez disso, decide recair na pura convenção formal que estava em voga nos períodos anteriores à renovação da linguagem romanesca de nosso país. Não era contra essa convenção ultrapassada que se levantaram tantos os artistas de 1922 como os de 1930? É por isso que a análise do romance não pode ser baseada em uma perspectiva restrita, do contrário, será considerada obra excelente aquela que tão somente cumpra aqueles critérios preestabelecidos: e o resto, convencionalíssimo, pode continuar como está.

Mas essa crítica, como já dissemos, não quer tornar o livro de Jorge Amado outro; ao contrário. Quer, ao dialogar com as ideias do escritor, que ele seja capaz de melhor desenvolvê-las em forma literária. Afinal, e esse é o ponto central da crítica de Álvaro Lins, um romance mal escrito não é capaz de alcançar seu papel crítico diante da sociedade, de passar aos mais distintos leitores os males da sociedade. Um romance mal escrito falha como arte e como manifesto: fala apenas aos já convertidos, é incapaz de levar os contrários à reflexão. Aqui se sobressai o caráter humanista de Lins. Pois a literatura está longe de ser um deleite inocente ou passatempo descompromissado; a literatura é, na verdade, um meio de compreender a realidade, de transmitir uma mundividência que, sem a forma ficcional, não seria possível. Sem cair no biografismo, que a crítica atual tem com razão rechaçado, ele enxerga que um romance é, sim, uma forma de arguição diante do mundo, uma maneira de fazer circular ideias, mas que são sempre capazes de um tipo distinto de convencimento, que não se apega apenas à racionalidade e à mentalidade cartesiana.

---

<sup>9</sup> Para fins de comparação, basta lembrar do episódio em que Fabiano, diante das aves de arrição, consegue tão somente xingá-las de “peste” e “miseráveis”, quando são muitos e indescritíveis os sentimentos diante da sua desgraça futura (que ele atribui às aves). Aqui, sem a mediação do narrador, não seria possível abstrair essa angústia interna tão ampla e complexa.

Agora, podemos avançar ao segundo estudo, publicado em 1945, quando da publicação das obras completas do romancista baiano, intitulado “Obras completas de Jorge Amado: um “*inacreditável*” nas *aflições entre adjetivo e advérbio*”. Neste texto, o autor pode desenvolver com mais detalhes a argumentação da crítica anterior, mas dessa vez refletindo sobre as obras publicadas até então. Aqui a crítica se torna mais contundente, e podemos perceber com mais detalhes o que Álvaro Lins considerava problemático no projeto estético de Jorge Amado. Vejamos.

O texto inicia com uma análise das primeiras três obras publicadas pelo escritor baiano. O foco principal dessa crítica é questionar até que ponto as escolhas estéticas e formais de Jorge Amado efetivamente contribuem para seus objetivos. O crítico analisa que a forma desleixada, apegada ao panfleto, à divisão do mundo em “bem” e “mal” e à suposta simplicidade das gentes pobres, paradoxalmente, ou não alcançam o efeito pretendido ou têm efeito inverso, uma vez que não ultrapassa a visão convencional desses seres. Não só isso: a frequente confusão entre literatura e reportagem, que remete aos romances de tese dos naturalistas (o que, por certo, não é uma inovação), acaba por botar a perder as grandes revoluções internas que a literatura pode causar. Além disso, seu projeto é ambicioso demais para tão pouca capacidade. É de tremenda ousadia um escritor pretender criar mundos e mudar as consciências com tão pouco preparo para verter esses arroubos em forma literária. Ainda conforme o crítico, Jorge Amado:

escreve, principalmente, com o instinto incontrolado, a paixão espontânea e irrefletida, com aquilo que se chama, em específico, a inspiração em forma original. Daí o estado como que inorgânico dos seus livros de maior valor e a miséria estilística de sua expressão literária, o desconhecimento da técnica, o desleixo da composição, o primarismo dos processos e construções (LINS, 2015b, p. 107)

Existe, porém, nessas obras uma grande força dramática. Mas de que adianta essa força em forma bruta? A forma literária, por ser uma maneira de pensar o mundo, não se esgota em arranjos narrativos frágeis. É por ser uma possibilidade séria de proposição diante do mundo que a composição literária precisa passar por profunda e lenta meditação a respeito das possibilidades de tradução das ideias em atos ficcionais de personagens imaginados. É a mesma imaginação que se espera de um cientista ou de um filósofo diante da busca por uma hipótese explicativa dos fenômenos do mundo. Só que, na arte,

os propósitos são outros e vão além do estabelecimento causal e/ou descritivo. Tampouco pode a arte se entregar a sentimentalismos despropositados. Para Álvaro Lins, o escritor lida com um complexo lócus de análise individual e coletiva de seu tempo, que engloba uma apreensão a um só tempo afetiva (em um sentido mais próximo ao de *páthos*) e imaginativa do mundo, resultando em juízos contingentes, mas não menos relevantes sobre a vida.

No caso de Jorge Amado, é a confusão entre discursos diversos (o literário, o científico, o jornalístico) que causa a incompletude e a superficialidade da construção de seus primeiros romances. O crítico afirma sobre *Cacau*<sup>10</sup>, por exemplo, que:

Os personagens [...] não têm nitidez, nem caracterização, nem existência independente. Aparecem descritos nos aspectos exteriores e convencionais, em traços tão indistintos que nenhum deles consegue permanecer na memória do leitor. São apresentados de uma mesma e monótona maneira: cada um deles tem uma pequena história que explica a desgraça da sua presença naquela fazenda de cacau no interior da Bahia. *Ora, não terão essas criaturas, embora rústicas, os seus dramas interiores, as suas paixões, os seus sonhos?* (LINS, 2015b, p. 109, grifo nosso).

A descrição da realidade está ela mesma tomada de convencionalismos. O crítico não confunde realidade com percepção da realidade. Entre uma e outra, há a linguagem. A literatura, pelo que nos parece dizer Álvaro Lins, seria um meio capaz de reeducar nossos sentidos e fugir à convenção, inclusive nos tornando capazes de enxergar além do externo e supor o interno a pessoas aparentemente simples.

Nesse sentido, não seria a forma de reportagem que pregaria contra os bem-intencionados propósitos de Jorge Amado? Não seria o aprofundamento dos conflitos humanos dessas criaturas que tornaria inda mais dramática a exploração da força de trabalho no capitalismo periférico? Não seria essa análise individual e profunda, a que o escritor conscientemente buscava fugir (BUENO, 2006), o que tornaria mais difícil a empatia por parte do leitor não

---

<sup>10</sup> Trata-se do segundo livro do escritor baiano, publicado em 1933. A narrativa é bastante relacionada ao Romance de 1930, visto que explora uma realidade laboral opressiva e desconhecida pela maior parte do país: as plantações de cacau. As questões opressivas de natureza classista ganham uma grande ênfase nessa narrativa, que é a segunda do chamado “Ciclo do Cacau”.

acostumado àquela realidade? Não seria isso algo que nos uniria, como seres humanos, através das palavras em um romance? São essas as perguntas, quase retóricas, que parecem surgir da análise de Álvaro Lins e que reafirmam sua boa-vontade em fornecer ao escritor reflexões para aprimorar seu ofício.

As críticas são atenuadas quando Álvaro Lins fala dos romances publicados após *Suor*<sup>11</sup>. Mas, para ele, mesmo esses melhores romances do escritor baiano possuem falta de profundidade analítica. Não é à toa, ainda conforme o crítico, que Jorge Amado sempre recaia na convenção quando se vê obrigado a abandonar a descrição da realidade para utilizar-se da imaginação. Seu imaginário é pouco profundo, incapaz de penetrar as camadas mais densas da humanidade. Isso se aplica inclusive a *Jubiabá*, considerado o melhor romance do autor até então:

Se o romancista houvesse estabelecido certas medidas, a figura heroica de Antônio Balduino se teria transfigurado num personagem de existência assegurada na literatura. Pois é o tipo de mais vitalidade e consistência na ficção do Sr. Jorge Amado; porém, de tão ampliado pelo entusiasmo fácil e pelo sentimentalismo transbordante do seu criador, veio a perder muito da verossimilhança. Fica-se a contemplar um prodígio em vez de uma criatura humana (LINS, 2015b, p. 113).

Discordamos, porém, em parte da crítica ao romance. De fato, há certos “saltos” na narrativa que não estabelecem umnexo adequado na história do personagem<sup>12</sup>. No entanto, não se pode perder de vista a tentativa de recriar o estilo narrativo dos ABCs, que são, aliás, admirados pelo próprio Balduino. Além disso, deve-se perceber que há de próprio do romance (e do

---

<sup>11</sup> Romance publicado em 1934, em que o escritor tenta colocar em prática uma narrativa em que as análises individuais dos personagens são obnubiladas pelas análises coletivas. Nesse caso, o grande personagem era o próprio prédio em moravam os personagens, sendo ele o núcleo centralizador os conflitos que decorriam dessa convivência e ambientação.

<sup>12</sup> Acreditamos que Álvaro Lins se refira às mudanças repentinas que ocorrem no personagem sem que sejam justificadas pelos elementos textuais, o que dá a impressão de que elas ocorrem tão somente para comprovar as teses do narrador/escritor. O principal “salto” talvez seja no momento final, quando Balduino sai de um momento de profunda crise subjetiva para um completo êxtase, ao perceber que poderia lutar pela causa operária. A “revelação” do personagem se dá de maneira muito repentina e um pouco inverossímil, visto que seus dramas, também existenciais e subjetivos (ou seja, não apenas sociais) até então, parecem ser completamente sublimados pela consciência de classe.

romance moderno) algo que acompanha o herói ao longo de toda a sua história e lhe define negativamente: um inexplicável descompasso diante do mundo (LUKÁCS, 2009). Temos dúvidas, no entanto, de se esse vazio não acaba sendo solucionado tão somente com a entrada do personagem na luta operária, ou se, ao contrário, ele é impelido à luta coletiva *por* não conseguir resolver seus dilemas individuais. Para discuti-lo, necessário seria outro trabalho. Mas devemos ressaltar que, num caso e noutro, existe uma fratura silenciosa de individualidade em Antônio Balduino que aprofunda a sua análise psicológica e permite uma visão mais complexa daquela realidade. Discordamos, no entanto, em partes, porque, de fato, em alguns momentos há simplificações no romance, mormente quando se coloca em cena os coadjuvantes. Afinal, se Balduino é um sujeito fragmentário e complexo, os personagens secundários são bastante previsíveis e maciços, desempenhando funções pontuais na vida do herói do romance. Não há personagens secundários que apresentem dilemas subjetivos diante dos problemas que enfrentam: ao contrário, padecem apenas dos problemas imediatos que enfrentam.

A crítica de Álvaro Lins, realizada no calor do momento, sobre escritores que ainda não gozam da respeitabilidade canônica, é passível de erros. Esses erros, porém, não são inesperados nem anulam o valor da crítica. Aqui, essa perspectiva, de que acima discordamos, serve como parte de um projeto literário que o crítico caruaruense desenvolve junto e em conformidade ao escritor baiano. Daí o seu arremate: “os problemas que estão diante do Sr. Jorge Amado são mais de ordem literária do que de ordem política” (LINS, 2015b, p. 115). Não há, então, a princípio, problemas nas soluções que Jorge Amado pensa para o mundo. Tampouco na relevância dos sofrimentos que ele descreve. O que há é problemas nas soluções que ele oferece para o romance. Soluções essas que impactam negativamente a defesa que ele faz das soluções para o mundo.

O crítico continua:

um romance, por ser revolucionário, não fica dispensado de ser literatura. Um livro mal-escrito e malconstruído não tem significação nem para a literatura, nem para a política. E ser um escritor revolucionário não consiste apenas em colocar operários como personagens, tratando-os com um sentimentalismo superficial e vago; tal posição exige antes uma experiência de vida e uma experiência de cultura que não se adquirem com a improvisação, por mais hábil ou brilhante que seja (LINS, 2015b, 115).

Dessa forma, Álvaro Lins nos permite ver um caminho para além das dicotomias polarizadoras e totalizante, que dividem o estético e o ético, quando as duas dimensões andam juntas. Afinal, para ele, não se pode nem colar a literatura à banalidade da vida, nem a distanciar da existência, com o que, em ambos os casos, a escrita ficcional perde seu valor e sentido. Ele nos permite ver, ainda, como a literatura, e também a crítica, podem se aproximar ao leitor comum, mas sem com isso incorrer em simplificações sem rigor analítico.

## Referências

- AMADO, Jorge. *Terras do sem-fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. Caetés. In: RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão. In: CANDIDO, A. *Ficção e confissão: ensaios sobre a obra de Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. ed. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. “o escritor e a sua paixão”. *Jornal do Brasil*, 6. jun. 1970.
- GRASSI, Ernesto. *La filosofía del humanismo: preeminencia de la palabra*. Tradução de Manuel Canet. Barcelona: Anthropos, 1993.
- MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- HOLANDA, Lourival. Álvaro Lins: o crítico necessário. In: HOLANDA, Lourival. *Realidade inominada: ensaios e aproximações*. Recife: CEPE, 2019.
- LINS, Álvaro. Valor instintivo de romancista e miséria objetiva de escritor. In: LINS, Álvaro. *Sete escritores do Nordeste*. Recife: Cepe, 2015a.
- LINS, Álvaro. Obras completas de Jorge Amado: um “inacreditável” nas aflições entre adjetivo e advérbio. In: LINS, Álvaro. *Sete escritores do Nordeste*. Recife: Cepe, 2015b.



LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2. ed. São Paulo: Editora Duas Cidades/Editora 34, 2009.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária*: em busca do tempo perdido? Chapecó: Argos, 2011.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. *In*: SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.